



ISSN 1887-4606

Vol. 19, núm. 1, 2025, pp. 139-161
<https://doi.org/10.14198/dissoc.19.1.07>

Sección
Miscelánea

**O que é ser uma escritora negra no Brasil?
Estratégias de polidez e a negociação do
ethos discursivo**

*What it means to be a black woman writer in
Brazil? Politeness Strategies and the Negotiation of
the Discursive Ethos*

Noemy Oliveira Santos

Universidade Federal do Pará, Brasil

Thomas Massao Fairchild

Universidade Federal do Pará, Brasil

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo as imagens discursivas de escritores afro-brasileiros em entrevistas escritas e publicadas por revistas digitais e blogs. Temos como objetivo analisar a constituição do ethos discursivo das escritoras e os movimentos de preservação/ameaça de face presentes nesses discursos, visto entendermos que essas escritoras ocupam uma posição potencialmente paradoxal, dividida entre a afirmação da singularidade de sua obra e sua auto-representação como membro de um grupo ou coletividade organizada. Para isso selecionamos entrevistas de escritores que tratassem especificamente sobre o ato de ser escritor e os impactos da escrita ditos pelo próprio escritor. A partir disso, fizemos uma análise discursiva baseada nos conceitos de ethos discursivo elaborado por Maingueneau (2008) e na Teoria da Polidez, criada inicialmente por Goffman (1967) e ampliada por Brown e Levinson (1987). Neste texto faremos análises de entrevistas concedidas pelas escritoras Jussara Santos (JS) para o blog Literafro, no ano de 2005, e Ryane Leão (RL) para a revista digital Mulheres que escrevem, no ano de 2017, em seguida faremos uma discussão sobre o que é ser uma escritora negra no Brasil.

Palavras chave: ethos discursivo; literatura afro-brasileira; polidez; racismo; análise do discurso.

Abstract

The object of this study is the discursive images of Afro-Brazilian writers in interviews written and published by digital magazines and blogs. Our aim is to analyse the constitution of the writers' discursive ethos and the movements of face preservation/threat present in these discourses, since we understand that these writers occupy a potentially paradoxical position, torn between affirming the uniqueness of their work and their self-representation as a member of an organized group or collectivity. In order to do this, we selected interviews with writers that dealt specifically with the act of being a writer and the impacts of writing said by the writer herself, from which we carried out a discursive analysis based on the concepts of discursive ethos elaborated by Maingueneau (2008) and Politeness Theory, initially created by Goffman (1967) and expanded by Brown and Levinson (1987). In this text, we will analyze interviews given by writers Jussara Santos (JS) for the Literafro blog, in 2005, and Ryane Leão (RL) for the digital magazine Mulheres que escrevem, in 2017, and then we will discuss what it means to be a black woman writer in Brazil.

Keywords: Discursive ethos; Afro-Brazilian literature; Politeness; Racism; Discourse Analysis.

Cómo citar: Oliveira Santos, Noemy e Massao Fairchild, Thomas. (2025). O que é ser uma escritora negra no Brasil? Estratégias de polidez e a negociação do ethos discursivo. *Discurso & Sociedad*, 19(1), 139-161.

<https://doi.org/10.14198/dissoc.19.1.07>

Fecha de recepción: 04/06/2024

Fecha de aceptación: 08/09/2024

Conflicto de intereses: os autores declaram não ter conflito de intereses.

Financiación: trabalho desenvolvido com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará PIBIC/UFPA PRO6520-2023.

© 2025 Noemy Oliveira Santos e Thomas Massao Fairchild

Este trabajo se comparte bajo la licencia de Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional de Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0):

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Considerações iniciais

O papel desempenhado pelo escritor no campo literário está sujeito a transformações conforme diferentes grupos sociais passam a ter acesso às condições para produzir literatura ou se constituem, por sua vez, como destinatários da produção literária existente. Desse modo, as representações que uma sociedade tem a respeito do que seria (ou não) literatura – quais seriam suas funções, quem estaria habilitado a produzi-la, quem poderia usufruí-la ou interpretá-la – são condições mutáveis que precisam ser entendidas a partir de uma perspectiva histórica. Assumindo esse ponto de vista, entendemos neste trabalho que a posição do escritor se constitui na convergência entre um lugar de enunciação relativamente pré-determinado pelas tradições do seu campo e sua atividade individual de produção – seja quando escreve sua obra ou quando atua de forma pública em outros espaços.

Nessa perspectiva, interessamo-nos pelo discurso de escritoras negras contemporâneas, entendendo que, através de sua análise, chegamos a compreender particularidades desse movimento que se associa a processos de constituição da própria literatura na atualidade. Temos especial interesse por entender como se articulam, no discurso dessas escritoras, os temas da singularidade do texto literário (associado à imagem do escritor como autor de uma obra, centro de coerência e unidade de estilo) e da representatividade do

escritor (associada, por sua vez, à repetição de traços e experiências comuns a um grupo). Para tanto, adotamos uma metodologia que aproxima elementos da Análise do Discurso às noções da Pragmática.

Partimos inicialmente da obra “Gênese dos discursos”, na qual Maingueneau (2008) propõe a noção de “semântica global” para integrar as dimensões do discurso determinando uma relação entre a enunciação e o enunciador. O autor demonstra que essa semântica global se forma por meio de marcas identificáveis nos discursos (escritos ou falados), estabelecendo relações entre memória discursiva, enunciador e destinatário, modo de enunciação, entre outras. Nesse sentido, segundo o autor, a memória discursiva é uma “intertextualidade interna” se referindo a um “passado específico que cada discurso particular constrói para si atribuindo-se certas filiações e recusando outras”. Pensando na relação do escritor negro com sua literatura e a articulação desta aos discursos presentes no seu cotidiano, é possível identificar uma semântica global que pode filiar este sujeito, enquanto escritor, a um lugar enunciativo específico. Levando em conta que a formação desse sujeito ocorre em um contexto social racializado, no qual o branco é privilegiado em relação ao negro em todas as esferas da práxis. O reconhecimento deste contexto, inscrito na semântica global do discurso literário, evoca a memória discursiva relacionada a coletividade de indivíduos pertencentes a um grupo estigmatizado por questões raciais. Podemos então associar a presença do racismo como um fator constitutivo para a produção da literatura afro-brasileira, visto que essa escritura pode se pautar na contraposição a uma branquitude dominante.

Partindo dessas compreensões iniciais, temos como objetivo geral analisar os sentidos produzidos no discurso de duas escritoras negras quando estas respondem a perguntas em entrevistas escritas publicadas no blog *Literafro* em 2005, no caso de Jussara Santos e na revista digital *Mulheres que escrevem* no ano de 2017. De maneira mais específica procuramos apontar estratégias de polidez utilizadas para manter ou negociar um ethos discursivo, isto é, uma imagem de si que mantenha articulação entre os temas da singularidade e da representatividade. Faremos isso baseando-nos em duas vertentes teóricas: os conceitos de ethos discursivo e interdiscurso propostos por Maingueneau (2008; 1995) e a teoria da polidez, pautada nos escritos de Goffman (2011) e Brown e Levinson (1987). Estes teóricos irão tratar, respectivamente, da projeção de uma imagem discursiva de si na enunciação e das estratégias para proteger essa imagem durante a interação. Utilizamos esses conceitos para encontrar particularidades no discurso das escritoras entrevistadas e nos métodos dispostos pelas entrevistadoras, a fim de registrar: a) que imagens pré-estabelecidas (ethos

pré-discursivo) se tem da escritora negra contemporânea, e b) como essas imagens são legitimadas ou modificadas no decurso da entrevista (o que vamos considerar sobre a perspectiva do ethos discursivo, dito ou mostrado), o que implica dizer – que os movimentos discursivos das entrevistadoras são percebidos pelas escritoras como uma ameaça à sua “face”, requerendo movimentos de negociação da imagem que produzem sentidos relacionados aos da representatividade.

A literatura afro-brasileira: relações interdiscursivas

Segundo Maingueneau (2008, p. 703) uma formação discursiva (FD)¹ surge em resposta ou em contraposição à outra que a antecede. Em um mesmo campo discursivo existem formações discursivas concorrentes e, justamente por isso, mutuamente constituintes. Os espaços de trocas e negociações produzidos em torno do contato entre formações discursivas concorrentes perfazem o chamado “interdiscurso”, que deve ser, segundo Maingueneau, o objeto privilegiado de uma análise discursiva. Esse interdiscurso se relaciona diretamente com a identidade do enunciador. O autor afirma que “Seria a relação interdiscursiva que estruturaria a identidade. Todo discurso, como toda cultura, é finito, na medida em que repousa sobre partilhas iniciais, mas essas partilhas não tomariam forma sobre um espaço semântico indiferenciado” (Maingueneau, 2008, p. 287).

Postulamos que as regularidades que permitem reconhecer a existência de uma literatura afro-brasileira podem ser entendidas como indicativas da existência de uma formação discursiva (FD) que, dentro do campo literário, torna-se concorrente em relação a outras formações que ocupam o mesmo espaço. Essa FD pode ser associada às pautas raciais como a humanização do negro, o antirracismo, o letramento racial, entre outras. O tratamento de tais temas, bem como certas maneiras privilegiadas de abordá-los textualmente, pode ser associado a uma “semântica global”, nos termos de Maingueneau. A existência dessa “semântica global”, por sua vez, não é impeditiva da emergência de “estilos individuais” (Bakhtin, 1997, p. 286), já que ela se encontra constantemente negociada, seja pelo contato com outros discursos “externos” (interdiscurso), seja pelas divergências internas ao movimento. A contraposição

¹ O termo Formação Discursiva foi proposto por M. Foucault no livro *Arqueologia do saber* (2008, p. 43) e em seguida incorporado nos estudos da AD por M. Pêcheux (2000, p. 15). Porém neste trabalho utilizaremos o termo com o sentido presente no trabalho de Maingueneau (2008).

da literatura afro-brasileira a diferentes formas de manifestação do racismo, em todo caso, parece ser um traço constante na constituição deste discurso.

Se considerarmos que o racismo corresponde, em grandes linhas, a uma formação ideológica que contém um padrão perceptível, e que se materializa verbalmente em formações discursivas diversas que o reforçam e alimentam, podemos entender que os discursos de denúncia, resistência e contraposição ao racismo se organizam como formações discursivas que se colocam no extremo oposto deste primeiro. Essa ideia é apoiada pelo teórico Cuti (2010, p. 22), quando este nos diz a respeito da existência de “uma formação discursiva, um jeito coletivo de encarar os fatos no tocante à questão racial. Aí se posta o sujeito étnico brancocêntrico que ensejará seu contraponto”. Isto não quer dizer que o escritor negro esteja obrigado a direcionar sua obra a opositores concretos, ou que seus textos devam ser lidos sempre como um discurso de militância, mas que as condições históricas de enunciação que se colocam para o escritor negro pressupõem essa oposição constitutiva. Isto requer reconhecer que a existência do racismo (inclusive na literatura) é uma das condições de produção do discurso da literatura afro-brasileira.

A perspectiva apresentada acima, sobre a literatura afro-brasileira a partir do viés do interdiscurso, encontra paralelos na bibliografia da área, a despeito das diferenças de concepção teórica. Evaristo (2009, p. 25), por exemplo, afirma que a partir da década de 1970, no Brasil, o discurso do escritor negro em suas obras passa a ser mais enfático e assume um tom denunciativo, caracterizando uma posição combatente ao discurso racista predominante. A autora cita outros escritores, como Luís Gama e Maria Firmina de Jesus, que seriam seus antecessores: “durante toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si.” Uma vez que essa postura permeia a produção de diferentes escritores, pode-se dizer que ela vai se tornando um traço “coletivo”, de modo que se “espera” de um escritor afro-brasileiro uma posição clara de representatividade neste sentido. Isto se dá não apenas em relação às suas obras, mas também em relação ao seu discurso público – por exemplo, em situações como as entrevistas que analisamos.

Até certo momento parece haver um entendimento predominante de que a literatura afro-brasileira se caracteriza pela centralização do combate às formas históricas de exploração, discriminação e minoração da população negra. Essa compreensão, no entanto, não permanece indefinidamente estável. Alguns escritores contemporâneos, conforme reconhecido pela crítica, não se identificam completamente com o discurso de representatividade negra como destaca a esse respeito Fonseca (2006, p. 13), alguns escritores evitam certos termos, como

“literatura negra”, para se referir ao seu trabalho porque “para eles, essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária.”.

Nesta perspectiva, é possível supor pelo menos três formações discursivas que se relacionam e se constituem mutuamente na formação histórica da literatura afro-brasileira. Chamaremos de **discurso 1 (D1)**, genericamente, aqueles discursos que se sustentam no racismo enquanto formação ideológica, direta ou indiretamente. Também consideraremos o **discurso 2 (D2)**, que corresponde ao enfrentamento explícito dos discursos do tipo D1, e se refere aos momentos de formação inicial da literatura negra, na qual o escritor se constitui como parte importante dentro de um movimento de militância, agindo em favor da representatividade e defendendo ideias contrárias ao discurso 1. Por fim, é possível um **discurso 3 (D3)**, emergente, que corresponde a uma negação parcial de D2, sem alinhar-se com D1 – trata-se daqueles discursos em que o escritor negro não é mais pensado como tendo um “compromisso” com o combate ao racismo, defendendo-se que possa ou deva produzir todo e qualquer tipo de literatura.

A emergência de D3 pode demarcar uma problematização da própria noção de “representatividade”, uma vez que valores “positivos” de D2 passam a ser lidos por esse discurso como potencialmente “negativos”. Assim, por exemplo, um termo como “literatura negra”, inicialmente percebido como afirmação do direito do negro à expressão literária (positivo), passa a ser interpretado como negação do estatuto literário da produção de escritores negros (negativo), uma vez que o adjetivo “negra” estaria negando que a produção do escritor negro seja (apenas, simplesmente) “literatura”. A dualidade entre os temas do escritor como indivíduo singular ou como representante de uma coletividade parece ter sua origem, portanto, no jogo entre D2 e D3, na forma de uma relação ainda em conflito dentro do próprio terreno da literatura produzida por escritores negros. A negociação das imagens de si durante as entrevistas se dá enquanto, devido de certos temas suscitados pelas perguntas, as escritoras transitam entre os discursos 2 e 3.

Ethos Discursivo

Maingueneau (2008, p. 72) conceitua ethos discursivo como “a imagem construída pelo enunciador”. Essa imagem, para ele, é constituída na enunciação, direta ou indiretamente, e depende da relação com o co-enunciador. Ela se distingue da noção de ethos da retórica clássica, porque esta implica

características referentes à oratória, à aparência do locutor, no lugar que este ocupa fora do plano discursivo. A diferença da noção de ethos discursivo proposta por Maingueneau (2008, p. 72), se pauta em um conjunto de dimensões presentes no interior do discurso, levando em consideração a instância subjetiva e sua articulação com o *tom* impresso pelo enunciador. Pode-se imprimir uma certa corporalidade ao discurso, mesmo na escrita; essa imagem subjetiva se constitui pelo uso da linguagem e é uma das dimensões que contribuem para a construção do ethos discursivo.

Além disso, a relação com as interpretações do co-enunciador evoca o que o autor chama de “fiador”: uma imagem da “fonte enunciativa” de um discurso que permite certa incorporação ou identificação por meio de traços de caráter e de corporalidade. Assim, por exemplo, um escritor pode mostrar-se humilde, autoconfiante ou arrogante por meio do modo como se pronuncia a respeito de seu próprio trabalho. O ethos é reconhecido também por meio de um “mundo ético” que permite certas expressões no discurso (p. ex., “mulher preta”, “amazônida” etc.) e limita outras (“morena”, “nortista” etc.), e também trabalha em conjunto com o co-enunciador para reconhecer as posições ideológicas reforçadas ou afastadas pelo ethos discursivo evocado pelo enunciador.

Maingueneau cria o conceito de ethos discursivo para “refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (Maingueneau, 2008, p. 69). O autor inicialmente o entende como estando composto por dois elementos: um ethos “pré-discursivo” e o ethos discursivo. O ethos pré-discursivo é uma representação do enunciador produzida pelo co-enunciador antes que haja propriamente a enunciação. O ethos, sustentado na enunciação, pode ter como efeito harmonizar-se com essa imagem prévia, ajustá-la ou mesmo negá-la. Por exemplo, um escritor que se identifica com as pautas levantadas pela crítica literária em relação à literatura afro-brasileira poderá posicionar-se discursivamente reforçando os efeitos causados pelo racismo, reforçando uma imagem prévia, enquanto outro escritor, que não se posiciona sobre essas pautas, terá que fazer certa negociação para ajustar ou negar possíveis conflitos.

O ethos discursivo é subdividido por Maingueneau em dois aspectos: o ethos dito e o ethos mostrado. O primeiro corresponde ao que o enunciador enuncia sobre si mesmo de maneira direta – assim, por exemplo, ao iniciar uma entrevista, um escritor pode afirmar, que é professor universitário, ou que cresceu em uma favela, sendo que essas informações contribuem para formar uma determinada imagem de quem é aquele que fala. O ethos mostrado, por sua vez, está ligado ao “modo de dizer”, às “maneiras” do enunciador. Trata-se de

referências indiretas que contribuem para a produção da imagem criada discursivamente. Assim, ao lado daquilo que o enunciador diz sobre si mesmo, ele também adota um *tom*, que pode ser moderado, agressivo, defensivo etc.; pode usar palavras que o identifiquem à juventude ou marquem-no como uma pessoa de mais idade, ou termos que demonstrem seu domínio de uma certa área do conhecimento etc.

No caso de nossas análises, entendemos que as entrevistas partem da atribuição, às escritoras, de alguns traços de um ethos pré-discursivo. Essa imagem prévia das entrevistadas corresponde àquilo que se espera delas na própria entrevista, e geralmente pode ser inferido por meio das perguntas que lhes são feitas. A reação das escritoras pode ser a de abraçar essa imagem prévia inscrita nas perguntas, mostrando-se em sintonia com ela, ou estabelecer em relação a ela certa distância, casos em que se pode observar um tom mais cauteloso e entrevistas um pouco mais tensas. Percebe-se, portanto, que a imagem do escritor é produzida gradualmente, ao longo do próprio processo de enunciação, e muitas vezes precisa ser negociada durante a interação que se desenrola na forma de perguntas e respostas. Optamos por analisar esses movimentos de negociação por meio de elementos da teoria da polidez.

Teoria da Polidez

A teoria da polidez é baseada no conceito de *face* criado por Goffman (2011, p. 13-14), traduzido ao português também como “fachada”. A face ou fachada define “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular.” Esse valor social é protegido e negociado durante a interação. Para isso são usadas as estratégias de polidez. Os autores Brown e Levinson (1987, p. 62) ampliaram o conceito de face, dividindo-o em dois: a face positiva e a face negativa.

Os autores ampliam o conceito de faces por dizer que durante as interações as convenções sociais indicam uma “face negativa” definida como um desejo de que suas ações não sejam impedidas por outros e uma “face positiva” que se refere a um desejo de ser admirado pelo outro². Assim, por exemplo, se

um entrevistador pergunta a um escritor se ele se considera uma referência em sua área, uma resposta afirmativa pode gerar expectativas altas e, para evitar se comprometer com elas, o escritor pode adotar uma estratégia de polidez a fim de preservar sua face negativa (precauendo-se de perguntas difíceis no futuro, por exemplo) e também a face positiva do entrevistador (evitando negar diretamente a premissa do entrevistador).³

Possenti (2009, p. 119) discute as possibilidades de se considerar, em uma análise, simultaneamente as dimensões histórica e pragmática da interação. Embora o sujeito da análise do discurso “clássica” seja totalmente desvinculado da ideia de intencionalidade, por conta das noções de assujeitamento e de condições de produção do discurso, e o sujeito da pragmática, por sua vez, faça uso da linguagem de maneira intencional, contando com um conhecimento explícito sobre a linguagem e seus efeitos, Possenti sustenta que é possível conciliá-los. Para ele, pode-se observar o trabalho discursivo de um “sujeito ativo” em uma infinidade de discursos, dentre os quais poderíamos incluir as entrevistas como um tipo de dado privilegiado para tal.

Das estratégias de polidez utilizadas para a manutenção da fase positiva e negativa a autora Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 88-89) resume algumas que citaremos aqui e que serão notadas nas análises de entrevistas como o **enunciado “preliminar”** que pode ser relacionado ao ethos pré discursivo, já que pode vir como perguntas, acompanhado com um **pedido de desculpas** ou com uma **justificação**. Além disso, também como estratégias de polidez temos os **minimizadores** que reduzem a possível ameaça às faces por meio de diminutivos, por exemplo. Também os **modalizadores** que estabelecem discursivamente uma distância entre o enunciatador e o enunciado, como por exemplo o uso de expressões como “acho que” ou “para mim”. Outra estratégia que iremos encontrar nas análises são os **desarmadores** que antecipam uma possível reação negativa, um exemplo é o uso da expressão “sei que você não gosta disso, mas...”.

³ Texto original em inglês: negative face: the want of every ‘competent adult member’ that his actions be unimpeded by others. And positive face: the want of every member that his wants be desirable to at least some others. (Brown e Levinson, 1987, p. 62).

Escritoras e Literatura Afro-brasileira

Os dados a seguir foram retirados de entrevistas disponíveis online, cedidas pela escritora Jussara Santos (JS) para a revista literária *Literafro* em 2005 e pela escritora Ryane Leão (RL) em 2017 para o blog *Mulheres que escrevem*. Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, em que analisamos cinco entrevistas que demonstravam a relação de escritores negros brasileiros com sua escrita e com as teorias a respeito da literatura negro-brasileira. A análise tornará possível perceber a atuação do sujeito ativo no discurso e a identificação das escritoras com as formações discursivas já expostas neste trabalho (D1, D2 ou D3), indicando o discurso que cada uma reforça enquanto constitui sua imagem de si. Dividimos os dados em três categorias: imagens de escritora; imagens de representatividade feminina (literatura); e a relação escritoras/literatura. Os trechos apontados com marcações são explicados no decorrer das análises.

Imagens de Escritora

Esta categoria é voltada para a análise das estratégias de construção de uma imagem de si presentes no início das entrevistas. O padrão das entrevistas com escritoras e escritores é que o entrevistador dê uma primeira oportunidade para o entrevistado começar a definir o lugar ou “mundo ético” de que fala enquanto sujeito no campo discursivo da literatura. As interações analisadas aqui são centradas na auto imagem que as escritoras têm de si mesmas enquanto produtoras de literatura e realçam bastante a dimensão do ethos dito.

Começamos pela transcrição da primeira pergunta da entrevista de RL e sua resposta:

Ryane, **conta pra gente**: como foi o processo de se descobrir escritora? Em que momento da sua vida você descobriu que era isso que queria fazer? O que te despertou o interesse pela escrita?
Eu sempre escrevi. Desde pequena mesmo, tenho cadernos e diários há muito tempo. e sempre gostei de poesia. Eu já publico na internet há mais de 10 anos, através de blogs e afins. Quando comecei a publicar nos blogs muita gente se identificou e daí parti pro Facebook e agora pro livro. Foi uma trajetória cheia de caos e flores. **Assim, resumido, parece fácil**. *Eu gosto de contar minhas histórias pra inspirar outras mulheres a contarem as delas.* (sic)

Observamos de partida que a entrevistadora, estabelece um tom informal para a entrevista, como podemos constatar no uso da expressão “conta pra gente”. Vale notar também que a entrevistadora formula a pergunta inicial três vezes, de formas um pouco diferentes, o que pode ser uma estratégia para dar tempo à entrevistada para elaborar sua resposta, sugerindo-lhe um “roteiro”. Essa estratégia pode ser “lida” como um sinal de colaboração, mostrando que a entrevista não busca, de início, uma interação polêmica.

Na resposta, RL espelha a atitude da entrevistadora, assumindo um tom igualmente informal e seguindo à risca o “roteiro” sugerido pelas perguntas. Podemos dizer que RL, neste momento, projeta uma imagem de si como uma escritora com experiência, apesar de jovem. Os trechos sublinhados, como “Eu sempre gostei de escrever...” e “eu já publico na internet há mais de 10 anos”, são exemplos da construção de um ethos dito, na medida em que fornecem informações explícitas sobre os antecedentes da entrevistada. Ao mesmo tempo, essas informações compõem uma imagem “corpórea” da escritora, na medida em que transparece ser uma pessoa pertencente a uma geração que começou a publicar na internet, “através de blogs e afins”, e que foi “do Facebook para o livro”, o que, também indica que ela tem familiaridade com as redes e o âmbito digital. As marcas discursivas presentes na resposta mostram uma identificação com o falar de seu público, e a alusão aos diários, cadernos e internet insere RL na geração dos “millenials” que participaram ativamente da transição do material físico para o digital. O trecho em itálico, “eu gosto de contar minhas histórias pra inspirar outras mulheres a contarem as delas”, marca a maneira como a escritora estabelece um público pra si e coloca em cena pela primeira vez o tema da representatividade, já que RL reivindica para si o papel de exemplo.

O trecho sinalizado com cinza está destacado porque demarca uma estratégia de polidez: um minimizador, utilizado para preservar a face da escritora. Com efeito, a projeção de um ethos inicial de escritora experiente, mesmo sendo jovem, sobretudo por meio de afirmações explícitas sobre si, representa uma ameaça à sua “modéstia”. Quando ela diz “assim, resumindo, parece fácil”, portanto, RL procura abrir uma negociação de sentidos em torno de sua própria imagem. A palavra “parece” é utilizada para equilibrar expectativas do público ao falar sobre seu trabalho como escritora. Dessa forma, a escritora mantém o ethos discursivo de “referência” para outras mulheres escritoras ao demarcar que fazer isso apenas “parece fácil”, ressaltando a relevância de seu trabalho para seu público alvo e procurando manter sua face positiva.

Em seguida analisaremos a primeira pergunta entrevista da escritora JS:

literafro: Por que escrever?

JS: Para mim, escrever é como o ar que eu respiro. Acho que é uma necessidade mesmo. Algumas coisas que **a gente** percebe e vê, algumas imagens que **a gente** vê, algumas coisas que **a gente** sente na escrita, de alguma forma, **a gente** exorciza. *Sempre gostei muito de escrever.* Quando **eu** fui para a escola no ciclo formal, **eu** gostava muito de escrever, mas **achei** que era coisa normal, comum. **Percebi** que nem todo mundo escrevia ferozmente como **eu**. Foi aí que **parei** para prestar atenção: ler poesias com atenção. *Fiz muitas poesias nessa época (na adolescência)*, joguei fora várias delas.

Diferentemente da entrevista com RL, a primeira pergunta feita a JS é mais direta, sem nenhuma sugestão que norteie a escritora. Vemos que isso se reflete em uma resposta marcada por sucessivas reformulações. O primeiro movimento é uma resposta direta: “Para mim, escrever é como o ar que eu respiro.” Essa escolha discursiva demarca a construção de um ethos que presa pela relação individual com a escrita. Além disso, notamos o mesmo movimento da resposta de RL no sentido de se utilizar das estratégias de polidez para proteger sua face positiva, o ethos que ainda está sendo produzido, com o uso das expressões sublinhadas “para mim” e “acho que”, que são modalizadores do discurso, utilizadas para evitar postulados diretos, que poderiam fazê-la parecer pouco humilde.

Em seguida a escritora afirma sua longa relação com a escrita no trecho destacado em itálico, “Sempre gostei muito de escrever”, o que ela exemplifica referindo-se às experiências que teve na escola e às poesias que escreveu na adolescência. Como se trata de um ethos “dito”, podemos observar que, ao mesmo tempo em que fala sobre si, a fim de preservar a modéstia, JS continua lançando mão de modalizações. Os termos destacados em negrito mostram que sua resposta começa marcada pela noção da primeira pessoa do plural com a locução pronominal “a gente”, e gradualmente muda para a primeira pessoa do singular “eu”. Esse movimento demarca uma visão de si mesma como parte de um grupo, alguém cujas experiências seriam comuns a várias pessoas, que se afunila para uma visão mais pessoal de seu processo de tornar-se escritora.

Apesar do uso de uma linguagem mais formal, se comparada à entrevista com RL que pode ocorrer devido ao fato de que as escritoras falam em épocas diferentes (JS em 2006 e RL em 2017), JS faz movimentos semelhantes ao definir discursivamente uma imagem de si remetendo à experiência ao passado. Pode-se notar, no entanto, que o “fiador” tem traços de corporalidade distintos. No lugar da escrita na internet, JS narra que escrever está mais vinculado ao ambiente

escolar, e que ela se percebeu escritora em comparação a outros neste ambiente, o que fica evidente no trecho “percebi que nem todo mundo escrevia ferozmente como eu.”. Por meio desta afirmação, JS identifica-se como escritora por meio da exceção – escrever, mais do que representar os anseios de um grupo, é algo que a diferencia de seus pares.

Podemos dizer, portanto, que RL e JS assumem posturas distintas com relação ao tema da representatividade. Enquanto RL se apresenta como um exemplo ao dizer que espera inspirar outras mulheres, para JS escrever significa “exorcizar”. Ambas parecem associar a escrita à existência de uma repressão implícita, que é enfrentada de maneiras distintas – para RL, pelo reconhecimento da falta de voz que mulheres talvez tenham, então a escrita, para ela é uma possibilidade de ser uma referência neste sentido. E para JS, podemos observar que o uso do verbo exorcizar pode se referir a sentimentos não muito agradáveis, resultantes de uma experiência individualizada com a repressão.

O ethos discursivo projetado pelas escritoras neste primeiro momento das entrevistas reflete uma postura experiente em relação à escrita. Como se trata da primeira interação entre enunciador e co-enunciador, o ethos pré-discursivo ainda não aparece ativamente, pois será desenvolvido no decorrer da entrevista. Quanto ao ethos dito e mostrado pelas escritoras, percebe-se a ocorrência da FD (formação discursiva) de representatividade no discurso de RL (primeira escritora), alinhando a expectativa de seu público por meio das estratégias de polidez. Já no discurso de JS (segunda escritora), vemos um afastamento da posição de representante enquanto escritora, expressando sua relação mais individual com a escrita por meio das estratégias de polidez. Assim, ao iniciar a constituição das imagens de si enquanto escritoras (ethos discursivo), ambas utilizam a polidez para manter a imagem ainda em formação, que será desenvolvida ao longo das entrevistas.

Ethos de Representatividade Feminina

Na sequência da entrevista com RL, a escritora vai fortalecendo a imagem de si como referência para outras escritoras com a ajuda das perguntas da entrevistadora, mostrando que há uma forte cooperação entre enunciador e co-enunciador neste diálogo.

Você acredita que a sua vivência como mulher negra influencia de algum modo sua escrita?

Com certeza. Tudo que eu sou e vivo influencia meu trabalho. E é importante que eu coloque lá as minhas vivências como preta, pras

mulheres negras se enxergarem, se identificarem. A primeira vez que eu li uma mulher negra eu pirei. Me vi ali, reli várias vezes, chorei. Tem um poema no livro sobre isso. Nessa época comecei a comprar só livros de negras e agora tenho uma estante enegrecida: Conceição Evaristo, Mel Duarte, Bianca Santana, Angela Davis, Bell Hooks, Audre Lorde, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento e muitas outras. **Somos muitas, ao contrário do que pensam. E estamos certas de que nunca mais nos calaremos.** (sic)

Podemos ver que a entrevistadora confirma, com sua pergunta, o estatuto de representatividade de RL, referindo-se a ela como “mulher negra”. Uma leitura possível desta pergunta é que ela estabelece uma relação com a teoria literária, quando Evaristo (2020, p. 11) chama a literatura produzida pela escritora negra de “escrevivência”, denotando que a mulher negra escreve suas vivências e que só ela pode fazer isso como um ato de resistência contra o racismo. Este conceito proposto por Evaristo, do qual há um eco no emprego da palavra “vivências”, mostra que a entrevista se desenvolve em um espaço de interdiscurso. Pode-se entender que a alusão ao conceito também antecipa um ethos para a escritora, que o abraça.

A resposta afirmativa enfática de RL reforça a percepção de que esta é uma interação sem muitos conflitos e as duas partes estão em concordância com o caminho que a entrevistadora traça, demonstrando uma adesão por parte da escritora à proposta da entrevistadora de associar seu trabalho literário ao conceito de “escrevivência”. Quanto ao ethos desenvolvido no discurso de RL, podemos notar a relevância que ela dá para sua “vivência como mulher negra”, com o que justifica duplamente o fato de apresentar-se como escritora e como exemplo para outras mulheres. Neste ponto, é possível compreender a intenção de demarcar esse ethos de representatividade para si mesma, com o trecho “*prás mulheres negras se enxergarem, se identificarem*”. Sabendo que este é um ato de ameaça à face do público, que poderia interpretá-lo como pouco modesto, a escritora faz uso da estratégia de polidez chamada *justificativa*, explicando porque ela acha que sua poesia pode fazer com que outras mulheres negras se identifiquem. Isto aparece no trecho “A primeira vez que eu li uma mulher negra eu pirei. Me vi ali, reli várias vezes, chorei.” Desse modo, de fato, RL coloca sua própria exemplaridade como um papel reversível, mostrando que também é inspirada por outras escritoras. Em seguida, para continuar coerente com o ethos de representatividade, RL faz referências diretas a autoras que escrevem literatura e teoria sobre questões raciais, novamente investindo no ethos dito.

A última parte da resposta, por sua vez, denota conhecimento do conceito de “escrevivência”, que reforça a resistência da mulher negra ao escrever e não se calar diante do racismo e da escravidão, principalmente no trecho “Somos muitas, ao contrário do que pensam. E estamos certas de que nunca mais nos calaremos.”. Neste trecho também podemos analisar a relação com o discurso que designamos aqui como D1, o discurso racista, colocado aqui na posição de um opositor ausente (na medida em que entrevistadora e entrevistada se situam no mesmo campo ideológico). O enunciado “nunca mais nos calaremos”, dessa forma, remete ao interdiscurso presente na relação entre o racismo, que invisibiliza as mulheres negras, e o movimento de escrever poesia como forma de resistir a isso. O uso da primeira pessoa do plural nesta passagem indica uma ideia de coletivo e reforça a imagem de representatividade de RL, que fala nesse momento em nome de todas as mulheres negras e se coloca na lista de escritoras que ela cita logo acima (o pronome “nós” está colocado de tal maneira que inclui as autoras de sua estante). Em suma, o discurso que predomina aqui em D2, é que a escritora sustenta sua própria inserção no campo literário com base na imagem de si como mulher negra, representante de uma lista de autoras negras consagradas e exemplo para outras que venham a surgir.

Para uma comparação de outras posições observaremos agora um momento similar da entrevista de JS:

literafro: Para você a escrita feminina tem marcas próprias, na sua escrita você percebe isso?

JS: *Nossa, complicado! Isso dá uma polêmica!* Eu **não** sei porque quando escrevo **não** penso nisso, mas penso que sim. É complicado dizer, analisar se na minha tem. Eu **não** saberia identificar. A mulher quando escreve deixa algo de si.

A pergunta sugere a mesma ideia proposta pela resposta de RL na análise anterior; ao supor marcas próprias para a escrita autoral de JS, a entrevistadora resgata a ideia de representatividade feminina. Em resposta, no entanto, é possível observar JS polidamente se afastando da ideia. Os termos em itálico, que aparecem pontuados com exclamação, indicam surpresa por parte da entrevistada e denotam um movimento de organização de fala para amenizar a resposta negativa que segue. Em negrito é possível notar, na sequência, a quantidade de negações presentes na resposta, sinalizando que a escritora recusa a ideia de que sua escrita transmitiria a representatividade. Ao mesmo tempo, em sublinhado, observamos a expressão “penso que sim”, que é reiterada pela oração final da

resposta “A mulher quando escreve deixa algo de si.” Essas duas afirmativas um pouco paradoxais demonstram que a escritora reconhece a importância da representatividade feminina, apesar de discursivamente afastar uma imagem de si como exemplo. Isso ressalta o ethos “modesto” da escritora, que reconhece que há um pouco de si na escrita como parte do coletivo, porém assume a representatividade de maneira diferente de como RL o faz, dando mais ênfase à escrita como uma experiência individual.

Neste ponto, observamos uma grande diferença entre as duas escritoras. RL parece integralmente identificada com D2, e expressa isso de diferentes maneiras. JS, porém, demonstra um certo afastamento da ideia de representatividade feminina em seu trabalho, se afasta dessa noção o máximo que pode, utilizando várias estratégias de polidez. Ao finalizar sua resposta com “A mulher quando escreve deixa algo de si”, JS indica que, apesar de evitar se comprometer totalmente como RL, está aberta a relativizar essa posição, fazendo uma concessão à premissa da entrevistadora para preservar a imagem de ambas. Neste momento, podemos afirmar que a imagem de JS se constitui em um espaço de trocas entre D2 e D3, evitando um discurso abertamente militante e limitando-se reconhecer o possível caráter representativo de sua escrita como um fato dado por sua condição e não como uma meta de seu projeto literário.

Relação Escritora/Literatura

Nesta categoria, relacionamos duas perguntas que aparentemente não tem relação, porém, ao analisarmos os discursos vinculados às respostas das escritoras, será possível encontrar indícios do mesmo campo discursivo ainda que cada um com suas particularidades. Começaremos, com a entrevista de RL:

Você acredita que suas opiniões políticas influenciam de alguma forma o seu trabalho? Se sim, de que maneira?

RL: Ser negra já é político, né? Eu querendo ou não. Já to na luta só por acordar todo dia e fazer meus corres. E eu trabalho diretamente com isso. Tenho uma escola junto com a Sarah Morato chamada Black to Black. Lá a gente ensina inglês para mulheres negras com foco em cultura afro e feminismo negro. Esse trabalho também tá nos meus poemas. E tudo que eu leio e vivo para realizá-lo. Eu falo de **liberdade**, de **lesbofobia**, de **governo cagado**, eu chamo pra **revolução**. Eu sou mulher, preta e lésbica, **todas as minhas questões viram arma de luta nos meus poemas. O que tem ali sou eu — e muitas outras mulheres.** (sic)

O trecho inicial sublinhado, “Ser negra já é político, né?”, denota uma posição discursiva pautada no discurso 2. Vale notar que a afirmação de ser negra, feita por meio de uma pergunta retórica, constitui uma possível ameaça à face da entrevistadora, razão pela qual RL continua a resposta com uma *explicação*, como estratégia para amenizar esta ameaça. A resposta afirmativa, porém, indireta, pode demarcar a intenção de modalizar essa ameaça em potencial. O trecho em itálico, “Já tô na luta só por acordar todo dia e fazer meus corres”, também serve como definidor do ethos discursivo: aqui a escritora constrói para si uma imagem de “batalhadora”, tanto pela evocação da memória de um dia a dia que exige muito esforço, quanto pelo uso da expressão “fazer meus corres”, gíria que situa essa escritora em um grupo, ou público, que ela pretende alcançar por meio de sua obra literária (e da entrevista em si).

A imagem de escritora legitimamente representativa desse grupo continua sendo construída na sequência, quando lemos a respeito da escola de inglês com “foco em cultura afro e feminismo negro”. Nesta passagem a representatividade se mostra como um valor mais englobante que a própria literatura, estendendo-se para outros ramos da atividade profissional de RL. Pode-se entender que com isso ela procura se mostrar coerente com os valores que professa, inclusive, em sua obra. O advérbio “também”, aliás, instrui-nos a entender que a literatura é um dos elementos constitutivos do “fiador” de seu discurso, uma das peças de sua identidade ou mesmo um dos instrumentos de sua militância, ao lado de outros.

Os trechos destacados em negrito, na parte final da resposta, denotam a constituição da literatura de RL, que é marcada por esse movimento de resistência política e de representatividade. A interdiscursividade se faz presente na maneira como ela vê seu trabalho, ao destacar questões como lesbofobia e se referir ao governo por meio de uma linguagem mais informal, que fortalece a cumplicidade com a entrevistadora e o público leitor, além de demarcar uma posição contra o governo brasileiro da época e uma chamada para “a revolução”. Com isso, RL se estabelece dentro de um “mundo ético” bastante específico, mostrando-se “sem papas na língua” quando o assunto é política. Segue-se outra alusão à noção de escrevivência, quando RL diz que “todas as minhas questões viram arma de luta nos meus poemas. O que tem ali sou eu — e muitas outras mulheres.” Dessa maneira, a escritora mantém coerente o ethos discursivo de representatividade, às vezes manifestada como exemplaridade, se apoiando em estratégias de polidez para sustentar essa imagem sem ferir a própria face ou a do público.

Vejamos agora como JS se posiciona quando provocada a falar sobre seu papel como militante.

literafro: O seu “ponto de vista”, a inscrição dos corpos negros em **sua obra dá voz à minoria (à margem, aos fora do centro)?**

JS: **Não sei se dá voz. Acho que estaria sendo pretensiosa.** Quando eu penso que acaba refletindo uma biografia da gente. **Eu vivi essa ausência destes corpos negros** em outros textos e manifestações artísticas. E esses corpos ainda estão ausentes. Pelo menos aqui no Brasil. Agora, por exemplo, no cinema eles estão começando a acontecer. Não o corpo bandido. O corpo do ponto de vista negativo. Nos E.U.A, temos o Spaike-Lee e outros cineastas. Trabalham para trazer estes corpos, dar visibilidade a eles. **Mas estes corpos ainda estão ausentes das outras artes que temos. Trazem estes corpos à cena, não só de uma forma amorosa, mas de outras formas.**

No primeiro turno de fala, a entrevistadora pede o ponto de vista de JS em um movimento que pode ser lido como uma tentativa de categorização da escrita da autora, referindo-se a uma das características apontadas pra a literatura afro-brasileira nos discursos teóricos, que consiste em colocar o negro (marginal) como imagem central da obra. A pergunta denota, assim, uma solicitação da imagem forte de representatividade esperada de uma escritora negra, do seu ethos pré-discursivo. Porém, em sua resposta, a escritora afasta novamente dessa imagem, inicialmente com uma negação (“não sei se dá voz”) e, em seguida, com a demarcação de um ethos de “modéstia”, no trecho “Acho que estaria sendo pretensiosa.”. Esta também é uma estratégia de polidez: para amenizar a resposta negativa a escritora faz uma justificativa e começa com “Acho que”, demonstrando uma opinião própria e afastando a expectativa do co-enunciador com respeito a responsabilidade de dar “voz à minoria”, evitando se comprometer com essa ideia. A justificativa se desdobra numa negociação com a ideia de que essa voz é necessária quando, por meio do trecho seguinte, em cinza (“Eu vivi a ausência desses corpos negros”) JS demonstra que reconhece a ausência de representatividade, mas colocando-se como paciente dos efeitos dessa ausência e não como agente de resistência. Em seguida, a escritora se afasta ainda mais da ideia de se comprometer com esse papel de militância, fazendo referências externas ao invés de chamar atenção para si mesma, por exemplo, ao mencionar como exemplo o cineasta Spike Lee.

Vemos, desse modo, que enquanto as perguntas da entrevistadora parecem solicitar de JS um discurso militante explícito, a escritora evita

enquadrar-se nessa posição, projetando um ethos “modesto” que funciona como forma de desarmar o ethos prévio implicado nas questões. Isto não quer dizer que ela não reconheça a existência do racismo como elemento ideológico opositor, como, por exemplo, ao mencionar que há problemas que precisam ser explorados e incluir-se nisso, no trecho “Quando eu penso que acaba refletindo uma biografia da gente.” Mas a imagem que projeta de si parece ser mais a de alguém que escreve por ter sido exposta aos efeitos da exclusão (para “exorcizá-los”), do que como alguém que toma a escrita como forma de ação direta contra as estruturas excludentes. Essas demonstrações demarcam uma posição discursiva mais assimilada a D3, novamente, quando o escritor evita se comprometer totalmente com a militância, apesar de reconhecer que o racismo e os discursos que o reforçam existem e são um problema.

Considerações finais

Este trabalho procurou articular algumas perspectivas com o objetivo de perceber a construção de sentidos presente no discurso de escritoras negras, vivendo em uma sociedade em que discursos que alimentam e são alimentados pelo racismo são dominantes. Estes discursos causam conflitos diretos ou indiretos nas interações que tem literatura negro-brasileira como pauta e podem ser registrados pela necessidade que um enunciatador sente, conscientemente ou não, de utilizar estratégias de polidez para uma comunicação harmoniosa. As análises demonstraram que existe um ethos pré-discursivo para escritoras negras no Brasil, visto que algumas perguntam direcionam as escritoras como representantes de um coletivo, podemos perceber com trechos como “vivência como mulher negra” e “sua obra dá voz à minorias” que mostram termos presentes na crítica literaria caracterizando a obra de escritoras e escritores negros brasileiros.

Apesar de as duas escritoras estarem inseridas num mesmo campo discursivo (literatura negro-brasileira), a forma como cada uma constrói e negocia seu lugar de enunciação – sua “identidade” como escritora – difere significativamente, como demonstrado na categoria de análise “Imagens de Escritora”. Na categoria “Ethos de representatividade feminina”, foi possível perceber o ethos discursivo de “representatividade” como dando a tônica ao posicionamento de RL, o que parece indicar certa intencionalidade da escritora em demarcar sua posição como sendo de uma militância explícita. Seu ethos é marcado pela postura de confrontação ativa, em alguns momentos “desafiadora”, o que se traduz também no modo de enunciar – por exemplo, pelo registro

informal da língua e pelo emprego de gírias. Dessa maneira, podemos relacionar este discurso com o que chamamos neste trabalho de D2, o posicionamento ideológico que tensiona diretamente os discursos que consolidam o racismo (D1), e que levanta temas como antirracismo, representatividade, feminismo negro e políticas de ação afirmativa.

Assim, RL fortalece a formação discursiva D2. Devido a isso, notamos fortes marcas do interdiscurso presente nas respostas e nas perguntas da entrevistadora, ora referindo-se a temas do D1, como, por exemplo, ao perguntar sobre a necessidade de um posicionamento político bem demarcado, ora conversando com temas do D2, quando se pergunta sobre a “vivência como mulher negra”. Pode-se observar uma relação de maior proximidade com o discurso teórico que cerca a literatura negro-brasileira e o posicionamento esperado de uma escritora falando deste lugar, legitimando seu ethos pré-discursivo.

A escritora JS, por outro lado, reconhece que tem um papel na afirmação da mulher negra na literatura, porém, assume um posicionamento distante da militância. Em seu discurso, os sentimentos em relação ao racismo existem e a escrita é encarada como uma maneira de exorcizá-los, mas a tônica parece estar na procura por uma reparação em nível individual, não deixa de assumir o ethos pré-discursivo por perceber a importância e sua contribuição para a representatividade, porém é possível perceber suas ressalvas quanto a ter sua obra limitada pelo tema. Esse posicionamento é associado a D3 neste trabalho e, como vimos, pode opor-se a D2, sem, no entanto, perder seu caráter de oposição também a D1. Por isso, notamos o uso mais frequente de estratégias de polidez enquanto ela negociava sua imagem defendendo uma posição discursiva terceira, caracterizada pelo interdiscurso referente a D1 e D2. Consideramos que D3 é uma formação discursiva emergente, que surge dentro de uma discussão maior sobre o papel dos escritores negros, e que ainda está se consolidando no meio acadêmico.

RL como escritora assume uma identidade marcada pela raça e pelo gênero, tanto no discurso como sujeito pertencente a um grupo estigmatizado, quanto em sua obra que é representada como parte desse seu pertencimento. JS constrói uma imagem distinta, vinculando-se como parte deste grupo estigmatizado também, mas a singularidade permanece muito forte em seu discurso. Dessa forma, é possível afirmar que não há uma imagem homogênea do que é ser uma escritora negra no Brasil atualmente; os conflitos presentes na sociedade, traduzidos nas relações interdiscursivas entre D1, D2 e D3, fazem parte da formação instável da identidade desse sujeito racializado e levam a

diferentes modos de conceber o papel do escritor e a própria literatura negro-brasileira, sem, no entanto, relativizar o caráter de enfrentamento ao racismo que permeia esse campo. Esperamos assim que, com este trabalho, tenhamos feito contribuições para a tarefa de compreender ou, por se tratar de um assunto complexo, refletir em como esse conflito se desenvolve enquanto se produz, se lê e se ensina literatura.

Referências

- Bakhtin, M. (1997)** *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes. Brasil: São Paulo.
- Brown, P., and Levingson, S. (1987)** *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Cuti. (2010)**. *Literatura Negro-brasileira*. Selo Negro.
- Evaristo, C. (2009)** Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*. v. 13, n. 25, p. 17-31. Brasil: Belo Horizonte.
- Evaristo, C (2020)**. Depoimento que abre o livro em Duarte, C.; NUNES, I. (Orgs.). *Escrevivência: A escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte. p. 11-11. Brasil: Rio de Janeiro.
- Escrevem, Mulheres que (20 nov. 2017)**. *Mulheres que escrevem entrevista Ryane Leão*. <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-ryane-le%C3%A3o-c58fe15b1854>. Brasil: Rio de Janeiro.
- Figueiredo, F. (2005)**. Jussara Santos. *Literafro*. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/548-jussara-santos>. Brasil: Minas Gerais.
- Fonseca, M. (2006)**. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? Em Souza, F; Lima, M. (org.) *Literatura Afro-brasileira* (p. 9-30). Centro de Estudos Afro-Orientais; Fundação Cultural Palmares. Brasil: Brasília.
- Foucault, M. (2008)**. *Arqueologia do saber* (7th ed.). Forence Universitária. (Original work published 1969).
- Goffman, E. (2011)**. *Rituais de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro.
- Kerbrat-Oricchioni, C. (2006)**. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Parábola Editorial. Brasil: São Paulo.



Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos discursos* (Lingua[gem]). Brasil: SP. Parábola Editorial. Edição do Kindle. Disponível em: [Gênese dos discursos \(Lingua\[gem\] Livro 27\) eBook : Maingueneau, Dominique, Possenti, Sírio: Amazon.com.br: Livros.](#)

Maingueneau, D. (2008). Ethos, cenografia, incorporação em Amossy, R. (Org.). *As imagens de si no discurso: a construção do ethos* (p. 69-91). Contexto. Brasil: São Paulo.

Pêcheux, M. (2000). *Remontemos de Foucault a Spinoza*. <https://toaz.info/doc-view-3>.

Possenti, S (2009). *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Parábola Editorial. Brasil: São Paulo.

Notas biográficas

	<p>Noemy Oliveira Santos – Universidade Federal do Pará. Discente de graduação, licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa Discurso, Sujeito e Ensino – DISSE vinculado a Universidade Federal do Pará.</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0009-0009-3286-8780 Email: emyolivs@gmail.com</p>
	<p>Thomas Massao Fairchild – Universidade Federal do Pará. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. É docente da Universidade Federal do Pará desde 2009, onde atua na licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, no Programa de Mestrado em Rede em Letras – PROFLETRAS e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Colabora com o Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED/Sumbe (Angola). Lidera do Grupo de Pesquisa em Discurso, Sujeito e Ensino – DISSE. Atua na formação de professores de língua materna.</p> <p>ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2520-4600 Email: tmfairch@yahoo.com.br</p>

